

doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v.94i2p94-98>

Empreendedorismo em saúde: relato de um modelo de Empresa Júnior em Medicina

Health entrepreneurship: a report of Junior Enterprise model in Medicine

Sara Terrim¹, Adler Araújo Ribeiro Melo¹, Alfredo Luiz Jácomo²

Terrim S, Melo AAR, Jácomo AL. Empreendedorismo em saúde: relato de um modelo de Empresa Júnior em Medicina / *Health entrepreneurship: a report of Junior Enterprise model in Medicine*. 2015 abr.-jun.;94(2):94-8.

RESUMO: O ensino da medicina Brasil afora é marcado pelo pouco interesse dos acadêmicos pelo tema de gestão em saúde no ensino superior. O reflexo disso são as inúmeras afrontas feitas diariamente à saúde nacional, devido ao mau gerenciamento de recursos públicos e privados, como tanto se vê em clínicas e hospitais atualmente. Tais problemas apresentam como uma de suas causas, entre tantas outras, a falta de conhecimento técnico por parte daqueles que assumem o poder administrativo na área da saúde, muitas vezes escolhidos por suas habilidades assistenciais e conhecimentos médicos, ao invés de por verdadeiro conhecimento e mérito gerencial. Nesse contexto, a Medicina Jr. surgiu como uma iniciativa estudantil a fim de aproximar os universitários da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo do universo da gestão, apresentando-lhes a área e despertando o interesse para tal assunto tão pouco comentado nos currículos formais. Nasceu assim a ideia de unir os impactos positivos trazidos pela prática de atividades extra-curriculares ao ensino de gestão no ambiente universitário, na expectativa de contribuir para a formação de novos profissionais mais abertos ao tema e com maior conhecimento na área.

DESCRITORES: Medicina; Organizações/organização & administração; Serviços de saúde/organização & administração; Administração dos serviços de saúde; Educação superior; Empresa de pequena porte/organização & administração.

ABSTRACT: The Brazilian medical education is characterized by lack of students interest about health management knowledge in general. It results in countless health problems seen nationally at clinics and hospitals due to bad management of public and private resources. These problems are partially caused by the lack of technical knowledge by those who take the administrative power on health area, frequently chosen by criteria of assistance abilities and/or medical technical knowledge, instead of truth management capacities. In this context, Medicina Jr. was born as a student initiative in order to approach the alumni of the Medical School of University of São Paulo to the management universe, presenting them the area and trying to increase their concern of this so poorly taught matter. Then arose the idea of joining the positive impacts brought by extra academic activities to management education at the university environment, expecting to contribute to the formation of new professionals more receptive to this theme and with better knowledge in this area.

KEYWORDS: Medicine; Organizations/organization & administration; Health services/organization & administration; Health services administration; Education, higher; Small business/organization & administration.

1. Acadêmicos da 101ª Turma da Faculdade de Medicina da USP. E-mail: sara.terrim@usp.br, adler.melo@usp.br

2. Livre-Docente pela Faculdade de Medicina da USP. Professor Associado do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da USP. E-mail: aljacomo@usp.br

Endereço para correspondência: Alfredo Luiz Jácomo. Faculdade de Medicina da USP. Av. Dr. Arnaldo, 455. Cerqueira César. São Paulo, SP. CEP: 01246-903. E-mail: aljacomo@usp.br

INTRODUÇÃO

A realidade da prática médica no Brasil encontra atualmente, entre seus tantos desafios, a falta de especialização profissional em gestão como um de seus maiores entraves¹. Isso se evidencia nos inúmeros dilemas enfrentados nessa área, principalmente, mas não apenas, no setor público. A busca por redução de custos junto à manutenção da qualidade dos serviços oferecidos², a redução do desequilíbrio financeiro das instituições de saúde³ e a gestão de recursos humanos a fim de melhorar a eficiência dos serviços⁴ são apenas alguns exemplos de uma estrutura deficiente que esbarra em conflitos muito além destes citados.

Sendo assim, nota-se a importância do ensino de gestão no decorrer do curso de medicina, em tal grau que as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina, aprovadas pelo Ministério de Educação em abril de 2014, definem os objetivos da formação médica através de sua divisão em três grandes grupos: Atenção à Saúde, Educação em Saúde/Educação Continuada e Gestão em Saúde. Esse último grupo é definido como o aprendizado necessário em gerenciamento e administração para melhoria da articulação interprofissional e aprimoramento da prática assistencial. Entre as capacidades de gestão exigidas, estão: gestão do cuidado, valorização da vida, tomada de decisões, comunicação e liderança. Percebe-se que são tanto conhecimentos técnico-científicos, obtidos a partir de estudos contínuos durante a graduação, quanto habilidades pessoais, tão importantes para a criação de uma boa relação médico-paciente e para melhor articulação com a equipe de trabalho. Tais habilidades, conhecidas como “soft skills” e frequentemente associadas com inteligência emocional, são características tão procuradas no mercado de trabalho e que podem ser aprimoradas em grande parte por meio de treinamentos dirigidos, através dos quais é possível transmitir o conhecimento técnico necessário para substituir aquilo que muitas vezes não é inato aos profissionais de saúde.

Ademais, o processo de aprendizado dessas habilidades pode ser auxiliado por meio de programas que visem ao desenvolvimento das “soft skills”, mas não há como negar a necessidade de atuação prática a fim de desenvolvê-las⁵. Soma-se isso ao fato de, no cenário brasileiro, atividades extracurriculares serem consideradas de grande importância para a complementação da formação e como forma de preencher lacunas curriculares⁶. Isso justifica, portanto, a busca por alternativas ao currículo que visem a desenvolver certos tipos de habilidades pessoais, além de gerar interesse pela área de gestão, que não costuma figurar como preferências pelos formandos em medicina⁷.

Nesse contexto, a ideia da fundação de uma Empresa Júnior na área de Saúde, com o intuito de facilitar o acesso dessa comunidade aos conhecimentos de gestão

e incentivar o interesse por essa área, foi vista como uma oportunidade para o desenvolvimento dessas técnicas e habilidades. O objetivo desse trabalho engloba transmitir algumas expectativas sobre essa experiência e refletir sobre o impacto que ela pode ter na futura prática da profissão.

METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica e experiências vividas pelos próprios autores, durante realização de suas atividades na Empresa Júnior (EJ) da Faculdade de Medicina, da Escola de Enfermagem e da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. A pesquisa bibliográfica foi elaborada através de revisão da literatura do tema, durante o primeiro semestre do ano de 2015.

APRESENTAÇÃO E ASPECTOS HISTÓRICOS

A história das empresas JR no Brasil e no mundo

A história das empresas juniores começa em 1967, com o surgimento da primeira delas na França, onde as instituições de ensino superior se caracterizavam pela pouca oferta de atividades acadêmicas extra-curriculares⁸, em comparação aos outros países. A ideia de ter, então, uma extensão voltada ao envolvimento prático dos estudantes com os conhecimentos teóricos obtidos nas aulas surgiu na *Ecole Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales*⁹ e disseminou-se rapidamente pelo país, até que nos anos 1980 foi fundada a primeira confederação nacional, intitulada *Confederation nationale des Junior-Enterprises*. A ideia então se espalhou pela Europa, e em 1992 foi fundada a JADE (Junior Association for Development in Europe), instituição que existe até os dias de hoje e é responsável pela regulação de mais de 180 empresas juniores em todo o continente.

A ideia chegou ao Brasil em 1988, por meio da Câmara de Comércio Brasil-França, surgindo dezenas de novas EJs nesse ano, sendo as principais delas a Júnior GV (do curso de Administração da Fundação Getúlio Vargas), a da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e a da Escola Politécnica da USP⁹. Em 2003, foi fundada a Brasil Júnior, organização de nível nacional responsável pela estruturação do movimento em todo o país, e que é hoje um dos maiores movimentos acadêmicos nacionais existentes. A parceria entre a JADE e a Brasil Júnior foi estabelecida logo após o nascimento desta, e ela permanece forte até os dias de hoje, promovendo encontros internacionais e buscando impulsionar a ideia até outros países, como EUA e Canadá.

Todas essas empresas juniores nasceram com o objetivo de adaptar o estudante universitário para o mercado de trabalho no qual ele se inserirá. Naturalmente, as primeiras instituições surgiram nas áreas de Administração

de Empresas, Economia, Engenharia, etc., com a intenção de colocar em prática os conhecimentos teóricos de gestão. Isso era feito através da simulação de um ambiente empresarial, onde os alunos poderiam exercer livremente sua criatividade, inovação e flexibilidade e passar por um processo de aprendizado envolvendo trabalho em equipe, desenvolvimento de pró-atividade, inovação e uma visão mais ampla de mundo.

Fundação da Med Jr e aspectos atuais

A Medicina Jr. foi fundada em 2003 por um grupo de estudantes da Faculdade de Medicina da USP e foi a primeira empresa júnior em Medicina, Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional do Brasil. Desde então, várias iniciativas similares surgiram em São Paulo e em outros Estados, entre elas a da Universidade Federal de São Paulo e a da Universidade Federal de Goiás. A ideia de uma empresa júnior na área é colocar o aluno em contato com o universo da gestão, o qual se mostra tão pouco acessível nesses meios, apesar de se fazer tão necessário na vida do profissional.

Desde sua fundação, a Medicina Jr. se caracterizou pela prática de consultoria, o que foi feito predominantemente através da prestação de serviços de marketing a clínicas e consultórios. Entretanto, houve um processo de reestruturação interna em 2013, surgindo então um novo perfil de atividades mais voltadas à comunidade acadêmica, com o objetivo de promover de fato o tema de gestão em saúde nas faculdades associadas e estreitar o contato dos alunos com a área administrativa.

Atualmente, isso busca ser feito através do contato direto do aluno com projetos práticos e reais, seja em atividades de consultoria, resolução de problemas administrativos, organização de cursos sobre a área, ou até mesmo em projetos de cunho social.

Importância para a formação complementar do acadêmico

Quando do surgimento da empresa júnior, seu objetivo inicial foi colocar o estudante em maior contato com a realidade fora da universidade, preparando-o para a entrada futura no mercado de trabalho. Tal objetivo é concretizado de diversas formas: em primeiro lugar, a empresa júnior é gerida exclusivamente pelos universitários, de modo que seu aprendizado prático começa com a obtenção dos conhecimentos necessários para manter e fazer prosperar seu negócio. Por menor que seja, a empresa júnior é uma entidade que precisa ser mantida e levada adiante, englobando projetos externos, questões administrativo-financeiras, estratégias de marketing, gestão de pessoas, etc., exigindo dos alunos que assumam responsabilidades e aprendam a enfrentar situações de difícil manejo, a serem resolvidas por eles próprios.

O desenvolvimento de habilidades e atitudes deve-se também ao fato de que uma empresa júnior é um espaço voltado para a inovação dentro da universidade e do mercado. É um tipo de organização que se caracteriza pelo perfil de trazer novas ideias, novas formas de solucionar os dilemas, novas saídas. Aproveitando-se da mente inovadora dos jovens, ela se compromete a prestar serviços por um preço mais acessível e com um novo jeito de pensar, resultando no exercício amplo da criatividade, do planejamento estratégico e do espírito crítico. O enfrentamento de situações difíceis e a consciência de poder e dever de resolvê-las faz com que o aluno ganhe mais autoconfiança, maior poder de decisão, maior autonomia e maior tolerância aos riscos. Isso ocorre na prática em situações do cotidiano de uma empresa júnior, como apresentar o resultado de um projeto aos demais membros ou à empresa contratadora de serviços, organizar cursos e eventos voltados à comunidade universitária, negociar com as instâncias superiores da universidade, recrutar e aprovar novos alunos, etc.

Já foi demonstrado que a participação em atividades extra-curriculares durante o ensino superior tem impacto positivo sobre a formação pessoal e profissional do universitário⁷. Tais atividades têm a capacidade de trabalhar a autonomia, a pró-atividade e a resiliência, uma vez que elas são construídas quase que exclusivamente pelos alunos e dependem de postura ativa e resolutiva destes para sobreviverem. Esse é um fenômeno que ocorre basicamente em qualquer atividade extra com a qual o aluno se envolva e para a qual se dedique. A diferença para uma empresa júnior é que ela é inserida no contexto do empreendedorismo, de forma que ela possibilita maior contato com a área administrativa. Isso quer dizer que o aluno é estimulado a simular um ambiente empresarial, o que engloba tanto os pequenos detalhes, como o modo de portar-se e vestir-se, até grandes resultados, como a realização de um curso voltado aos assuntos da área.

DISCUSSÕES

Dadas as considerações feitas anteriormente, deve-se pensar sobre a contribuição que uma empresa júnior poderia ter para a formação médica no Brasil. Como já foi dito, a falta de conhecimento em gestão resulta no que se vê hoje de muitos cargos importantes e decisivos na saúde pública e privada serem assumidos por profissionais despreparados, que não obtiveram conhecimento formal na área e que ocupam posição de destaque por outras questões de mérito que não suas próprias habilidades administrativas¹. Isso porque a atividade gerencial difere muito da prática assistencial da medicina, mas esses dois lados não são igualmente apresentados durante a formação do aluno.

Não só em relação ao lado técnico da gestão, mas também levando em consideração seu potencial de

contribuição pessoal, a empresa júnior seria um fator a quebrar a atitude passiva de obtenção de conhecimento que majoritariamente se vê nas escolas superiores. Os conhecimentos técnicos são passados preferencialmente de forma expositiva, a carga horária é extenuante, e todos esses fatores somados contribuem para que o aluno se acomode dentro do currículo formal e não se abra a novas perspectivas e novas formas de pensar.

A criação de um espaço voltado ao empreendedorismo não tem a pretensão de formar médicos gestores profissionais. É um espaço com o objetivo de promover o tema de gestão em saúde dentro da universidade, expondo desde a existência da área (muitas vezes desconhecida) até suas possíveis contribuições para a formação médica. A existência de um espaço onde as soluções não apenas podem como devem ser resolvidas de forma inovadora e construtiva é um estímulo pela busca constante de novas ideias, de novas visões de mundo e de como colocá-las em prática. O aluno é responsável por todos os passos de seu projeto, desde sua idealização, até seu planejamento estratégico e sua concretização final. É um ensinamento prático de como pensar em novas ideias e de como estabelecer os meios de alcançá-las, assim como o despertar da necessidade constante de satisfação e auto-realização.

Em um estudo feito com estudantes universitários europeus¹⁰, a instituição JADE levantou dados de profissionais já formados que foram e não foram participantes de empresas juniores. Nesse estudo, constatou-se que os alunos juniores apresentavam maior senso de iniciativa, propensão a riscos, necessidade de realização, criatividade, motivação e flexibilidade, em comparação ao grupo controle de alunos, além de possuir maior entendimento sobre o papel do empreendedorismo na sociedade¹⁰.

Ademais, o contato estabelecido com a área administrativa é um grande fator a estimular o acesso à

área de gestão, tão pouco introduzida durante a educação formal. Tal contato, juntamente com o desenvolvimento das “soft-skills”, vem sendo feito na Medicina Jr. através de ações como presença em treinamentos internos, presença em cursos e eventos externos, elaboração, realização e apresentação de projetos relacionados a problemas de gestão, envolvimento com projetos sociais, trazendo inovação e novas ideias a eles, e incentivo pela busca ativa de conhecimentos técnicos, seja através de livros, palestras, eventos, etc., na tentativa de inserir, mesmo que superficialmente, o aluno no universo da gestão.

CONCLUSÕES

A experiência vivida pelos alunos da FMUSP e de faculdades associadas na Medicina Jr. ainda é muito curta, devido à fundação recente da instituição. Entretanto, analisando o que já foi visto em outras áreas, pode-se concluir que o envolvimento com uma empresa júnior durante a formação universitária é um fator decisivo para estimular o empreendedorismo e a inovação na vida profissional. Não é difícil perceber o quanto o desenvolvimento de atitudes como criatividade, flexibilidade, liderança e resiliência, tão ligadas à existência de uma empresa júnior, são colaborativas para uma boa prática médica.

Em geral, a carga horária dos cursos de medicina é bastante extenuante e dificilmente comporta espaço para a introdução de novas disciplinas. Nesse caso, o desenvolvimento de atividades extra-curriculares se mostra uma importante ferramenta para complementar o currículo, o que já é feito de muitas formas. A Medicina Jr. nasceu como a ideia de inserir o tema de gestão entre as possíveis atividades extras, aproveitando-se de todas as vantagens trazidas por elas para aprender um assunto tão importante, mas tão pouco ensinado formalmente.

REFERÊNCIAS

- Schraiber LB, Peduzzi M, Sala A, Nemes MIB, Castanhera ERL, Kon R. Planejamento, gestão e avaliação em saúde: identificando problemas. *Ciênc Saúde Coletiva*. 1999;4(2):221-42. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81231999000200002>.
- Kulkarni M, Pandit A. Analysis of cost reduction techniques adopted in hospitals in and around pune. *J Health Management*. 2014;16(4):481-8. doi: 10.1177/0972063414548551.
- Viacava F, Caetano R, Fausto M, Macinko J, Martins M, Noronha JC, et al. Uma metodologia de avaliação do desempenho do sistema de saúde brasileiro. *Cien Saúde Coletiva*. 2004;9(3):711-24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n3/a16v09n3>.
- Rocha TAH, Silva NC, Barbosa ACQ, Rodrigues JM. Human resource management in health and performance of work process in the primary health care - an efficiency analysis in a Brazilian Municipality. *J Health Management*. 2014;16(3):365-79. doi: 10.1177/0972063414539611.
- Crosbie R. Learning the soft skills of leadership. *Ind Commercial Training*. 2005;37(1):45-51. doi: 10.1108/00197850510576484.
- Costa BEP, Costa BEP, Hentschke MR, Silva ACC, Barros A, Salerno M, et al. Reflexões sobre a importância do currículo informal do estudante de medicina. *Scientia Medica (Porto Alegre)*. 2012;22(3):162-8. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/scientiamedica/ojs/index.php/scientiamedica/article/view/10052/8189>.
- Oliveira NA, Alves LA. Ensino médico, SUS e início da profissão: como se sente quem está se formando? *Rev Bras Educ Med*. 2011;35(1):26-36. Disponível em: <http://www>.

scielo.br/pdf/rbem/v35n1/a05v35n1.pdf.

8. Bakies MM, Lamb KS. International experiential learning in engineering: a case study of Junior Enterprise in the United States. In: ASEE International Forum; 2014 Jun 14. Paper ID11034. Available from: <http://www.asee.org/conferences-and-events/conferences/international-forum/2014/11034.pdf>.
9. Ferreira JPC, Victoretti T, Zancanelo TS. Empresa Júnior e o desenvolvimento de habilidades e competências na prática jurídica: o caso Colucci Consultoria Jurídica Jr. Alethes Per Cien Grad Dir UFJF. 2014;4(6):439-52. Disponível em: <http://periodicoalethes.com.br/edicao/6/empresa-junior-e-o-desenvolvimento-de-habilidades-e-competencias-na-pratica-juridica/>.
10. Gibcus P, Kok J, Snijders J, Smit L, Linden B. Effects and impact of entrepreneurship programmes in higher education. Brussels: Entrepreneurship Unit; 2012. Available from: http://ec.europa.eu/enterprise/newsroom/cf/itemdetail.cfm?item_id=5894.